

Biapó inicia restauro das Docas André Rebouças, marco da engenharia e da memória negra no Rio



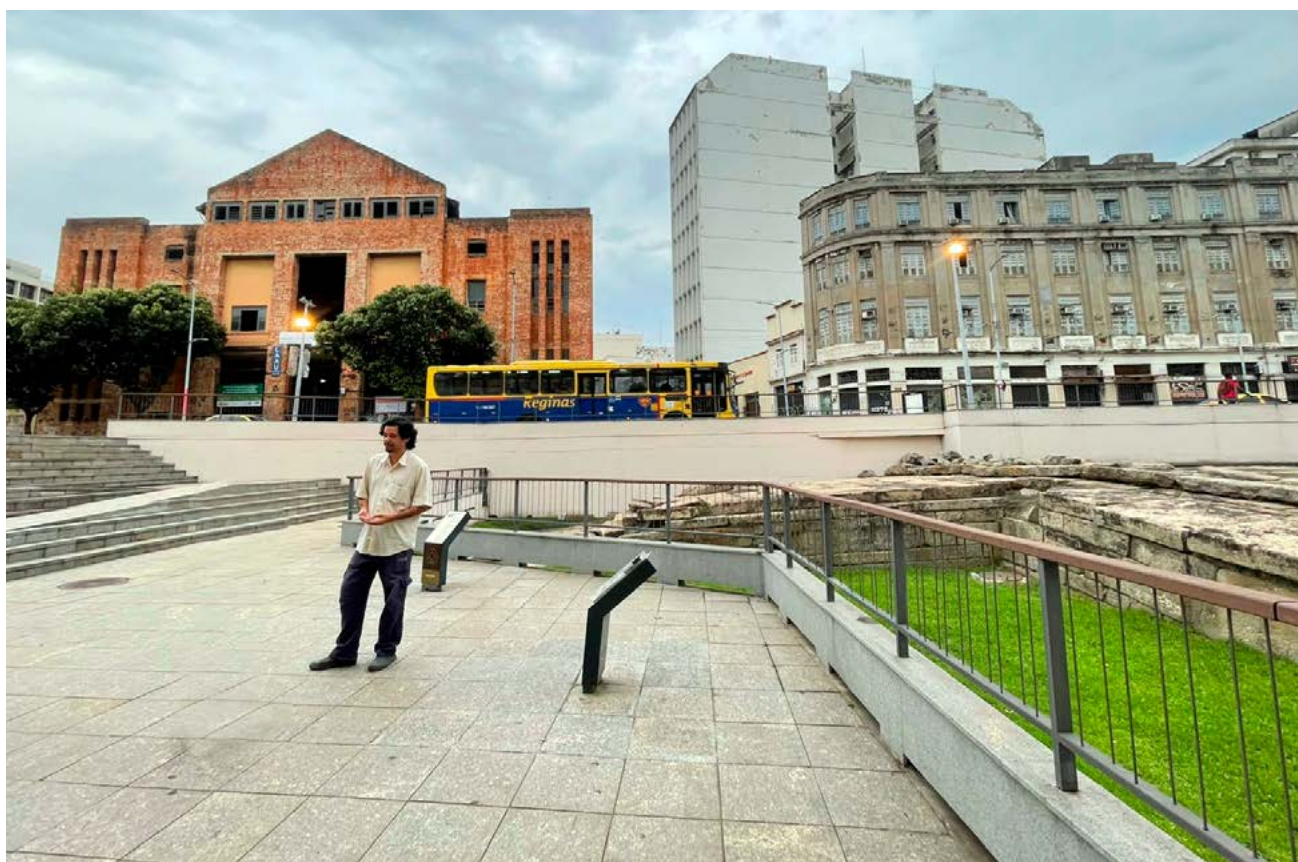
A construção original foi erguida na segunda metade do século XIX

A Construtora Biapó iniciou as obras de restauração das Docas André Rebouças, conhecidas até 2025 como antigas Docas Dom Pedro II. Localizado na zona portuária do Rio de Janeiro, o edifício integra a região da Pequena África, território de grande importância para a memória e a história da diáspora africana no Brasil, e será restaurado para abrigar novos espaços de preservação e interpretação do patrimônio afro-brasileiro.

O imóvel foi rebatizado em 2025, em homenagem ao engenheiro negro e abolicionista André Pinto Rebouças, responsável pelo projeto das Docas. A construção, concluída entre 1871 e 1875, foi erguida sem o emprego de mão de obra escravizada, constituindo um marco da engenharia brasileira e da participação negra na construção do país.

Ao longo de sua trajetória, André Rebouças esteve à frente de importantes projetos de infraestrutura. Entre seus trabalhos estão a Estrada de Ferro Curitiba-Paranaguá e projetos relacionados à modernização dos portos do Rio de Janeiro e de Santos. Sua atuação como engenheiro esteve acompanhada de uma intensa militância abolicionista e de propostas voltadas à educação e à inclusão econômica da população negra após a abolição.

Tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em 2016, as Docas se inserem em uma área que reúne importantes referências da história da população negra no Brasil. Nas proximidades, encontra-se o Cais do Valongo, reconhecido pela Unesco como Patrimônio Mundial, principal ponto de desembarque de africanos escravizados nas Américas durante o período do tráfico transatlântico.



Sítio arqueológico Cais do Valongo foi revelado em 2011, em meio às obras da zona portuária do Rio

A história das Docas André Rebouças também está registrada em sua própria arquitetura. A construção original sofreu transformações significativas ao longo do tempo. Depois de um incêndio, o Exército promoveu uma ampla reconstrução na década de 1920, período em que foi introduzida a estrutura de concreto armado. Em 2000, o imóvel passou por outra intervenção, realizada pela Ação pela Cidadania, que modificou especialmente a cobertura e alguns de seus acabamentos.

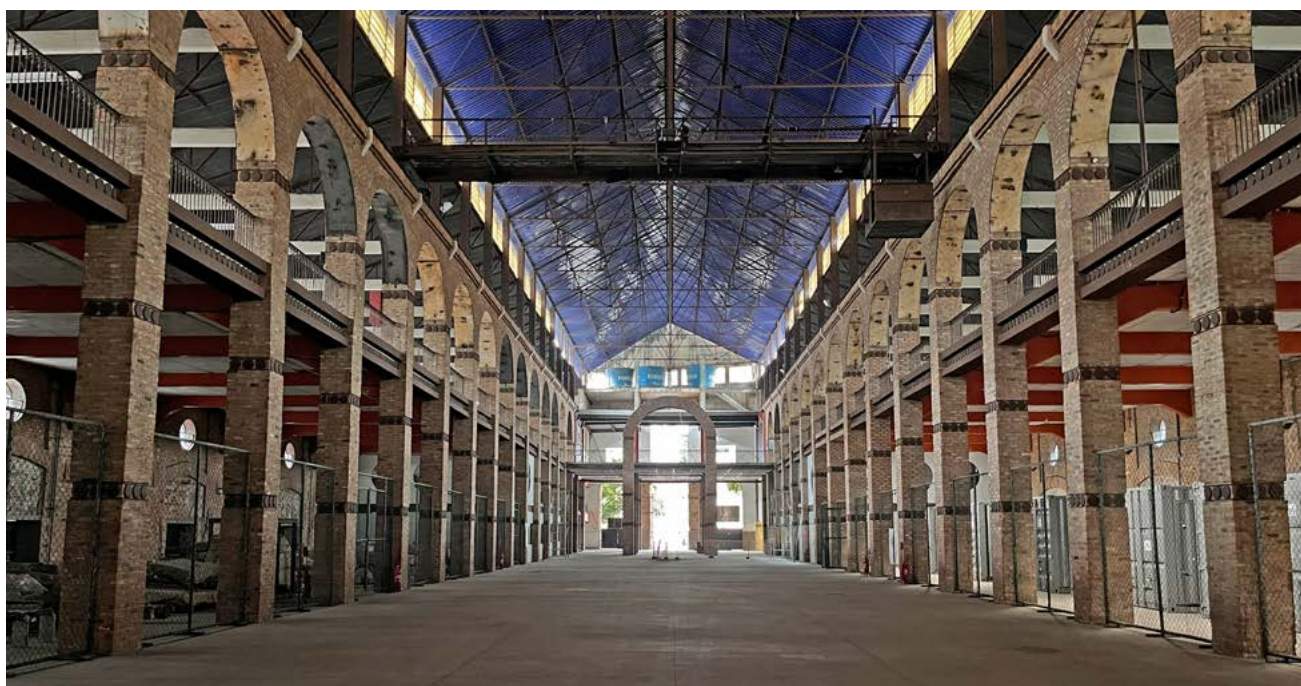
O edifício que chega ao século XXI, portanto, reúne elementos de diferentes períodos construtivos, formando uma espécie de registro material das transformações pelas quais passou. É justamente essa sobreposição de tempos que orienta o atual projeto de restauração.

Uma obra planejada para preservar o acervo

O projeto em desenvolvimento considera as diferentes camadas históricas do edifício e estabelece como diretriz a valorização de seus elementos originais, distinguindo-os daqueles incorporados nas reconstruções e intervenções posteriores. Para isso, uma documentação técnica e um projeto-base orientam os estudos e a consolidação do projeto executivo.

Os primeiros seis meses da obra serão dedicados principalmente ao desenvolvimento e à consolidação dos projetos executivos e à realização de levantamentos e pesquisas necessários à execução dos serviços. Entre eles estão estudos estruturais e arqueológicos, levantamentos topográficos, investigações do terreno e outras análises técnicas. Uma das etapas já realizadas foi a investigação do solo por meio de georadar (GPR), tecnologia que permite identificar características e possíveis estruturas existentes abaixo da superfície. O levantamento contribui para avaliar o potencial arqueológico das áreas em que, futuramente, poderão ser necessárias intervenções nas fundações.

A execução das intervenções físicas está condicionada à aprovação dos projetos executivos. Nesta fase inicial, a obra concentra-se na organização dos espaços, preparação do canteiro e realização das atividades necessárias ao início da restauração. Como as Docas permanecem ocupadas pelo Laboratório Aberto de Arqueologia Urbana (LAAU) e pela Fundação Cultural Palmares, os serviços serão realizados por etapas, começando pela área dos fundos. Esse espaço será preparado para receber permanentemente o acervo arqueológico do LAAU, permitindo a liberação gradual dos demais ambientes. A estratégia busca, ainda, realizar a transferência do acervo em uma única operação, reduzindo os riscos decorrentes de seu transporte e manuseio.



Tombado pelo Iphan em 2016, o edifício guarda valores históricos e etnográficos

Ao final da restauração, está prevista a implantação do Centro de Interpretação da Herança Africana do Cais do Valongo, além da manutenção dos espaços destinados ao LAAU e à Fundação Cultural Palmares, autarquia responsável por administrar o Armazém Docas André Rebouças e também o futuro Centro de Interpretação da Herança Africana do Cais do Valongo.

A requalificação das Docas André Rebouças deve ampliar as possibilidades de preservação, pesquisa, interpretação e difusão da história da população negra no Brasil, consolidando-se como um importante espaço de articulação entre patrimônio, arqueologia, ciência, cultura e memória.

A intervenção também reforça o significado das Docas como testemunho da presença e da contribuição negra na formação da sociedade brasileira, associando a preservação de sua materialidade à produção e à difusão de conhecimento sobre a história do país.

Continua o restauro do Museu Nacional/UFRJ



Foco atual está na regeneração de alvenarias e no reforço estrutural

A restauração do bloco 4 do Paço de São Cristóvão, sede do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), avançou na recuperação da estrutura existente para a construção de novos elementos. Entre as etapas concluídas estão a regeneração das paredes, que envolveu a retirada de partes soltas, a limpeza das superfícies, o preenchimento de lacunas, a recomposição e a consolidação de fissuras e rachaduras. Outra frente da recuperação estrutural é a instalação de reforços metálicos nos vãos. Para a construção das novas lajes, alguns vãos situados abaixo delas precisam estar reforçados ou protegidos com o preenchimento por blocos de concreto. Atualmente, mais de 90% dos vãos possuem reforços metálicos.

Com as alvenarias regeneradas e consolidadas e os vãos reforçados, foi autorizada a construção das novas lajes nervuradas. Mais leves que as lajes maciças, elas permitem vencer maiores vãos, distâncias entre os apoios. A montagem começa pela instalação das fôrmas e das cubetas, responsáveis pela formação das nervuras. Em seguida, é feita a armação da estrutura e, por fim, a concretagem. Com essa etapa concluída, teve início a construção das novas platibandas.

Recuperação de fachadas e execução de lajes



A recuperação das fachadas e das coberturas de três blocos está concluída

Nas fachadas do bloco 4, os trabalhos concentram-se na recuperação de pequenos ornamentos, frisos e cimalhas, além dos grandes panos de argamassa, que recebem tratamento e pintura. Os gradis passam por decapagem, lixamento, recomposição dos ornamentos e aplicação de nova pintura. Os guarda-corpos do segundo pavimento de duas fachadas já foram instalados, enquanto os do terceiro pavimento permanecem em processo de recuperação.

Também foram produzidas novas esquadrias em madeira de cedro-rosa pela equipe da Construtora Biapó. Após a conclusão da pintura, a instalação começou pelo primeiro pavimento da fachada norte do bloco 4. Paralelamente às atividades em andamento, uma nova etapa teve início em agosto, com a execução das lajes intermediárias mistas, compostas por vigas metálicas e placas de concreto pré-moldado. Esta fase também contempla a continuidade dos trabalhos nas fachadas, incluindo novas esquadrias, descidas de água pluvial e Sistema de Proteção contra Descargas Atmosféricas (SPDA).

Sobre as lajes de cobertura, serão construídos os novos telhados, formados por tesouras e terças metálicas, caibros e ripas de madeira. A cobertura contará

com uma subcobertura de chapas metálicas e telhas cerâmicas. Na área central do bloco, entre os telhados dos demais setores e sobre os prismas, será instalada uma claraboia de vidro com estrutura e caixilhos metálicos. Nas fachadas, junto às coberturas, serão concretadas novas platibandas, além de calhas para o escoamento das águas pluviais.

Ações complementares ampliam diálogo com trabalhadores e comunidade



As oficinas fazem parte das ações de reconstrução do Paço de São Cristóvão

Além das atividades no canteiro, a Biapó mantém iniciativas de formação voltadas aos trabalhadores e às trabalhadoras. O Programa de Alfabetização e Letramento oferece aulas semanais, assim como as atividades de Educação Patrimonial e Cidadania, que abordam temas atuais e relevantes como *Saúde Mental* e o *Impacto das Fake News na Sociedade e nos Indivíduos*.

Em agosto, o Museu Nacional recebeu o engenheiro químico Vicente Menta Filho, representante da empresa Hemisfério, que ministrou uma palestra para parte da equipe responsável pela impermeabilização das novas lajes e dos elementos das fachadas. O encontro teve como objetivo apresentar as formas adequadas de utilização dos produtos da empresa.

A Biapó também promoveu, em parceria com o Projeto Museu Nacional Vive e a Associação Amigos do Museu Nacional (SAMN), ações de diálogo com a comunidade. Entre elas, esteve a oficina *Experiência de Restauração*, conduzida pelo restaurador Carlos Nunes. A atividade possibilitou às pessoas participantes modelar, em gesso, réplicas de ornamentos do museu e levar as peças para casa.

Durante as comemorações dos 208 anos do Museu Nacional/UFRJ, em junho, e do 8º Festival Museu Nacional Vive, em agosto, colaboradores e colaboradoras da Biapó conversaram com o público sobre as intervenções no bloco 4. No festival, também foi realizada uma oficina de pintura, na qual se pôde estabelecer uma relação direta com a etapa atual da obra, marcada pela recuperação e pintura das superfícies.



“Em uma obra tão complexa como esta, contar com profissionais experientes na restauração de edificações históricas é fundamental. A Biapó tem demonstrado excelência na execução dos serviços contratados e parceria na realização de oficinas que ampliam o acesso da sociedade às informações sobre o restauro, aproximando o público deste processo histórico tão importante, que é a reconstrução do nosso Museu Nacional.

Lucia Basto, gerente executiva do Projeto Museu Nacional Vive

Biblioteca do Museu Nacional renova espaço e preserva 162 anos de memória científica

A obra de adequação e acessibilidade da Biblioteca Central do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, especializada nas áreas de Ciências Naturais e Antropológicas, foi concluída em julho deste ano pela Construtora Biapó. A intervenção contemplou melhorias na infraestrutura do espaço e a execução de serviços complementares previstos em aditivo contratual, contribuindo para qualificar as condições de uso, a conservação e o funcionamento da biblioteca.

Entre os serviços adicionais realizados estão a substituição do piso existente por revestimento vinílico na sala de monitoramento; a instalação de chapas metálicas

na escada onde foi executado reparo com argamassa; a colocação de cantoneiras metálicas nas arestas dos degraus; e a instalação de rodapé na parede de drywall da sala de higienização. Também foi solicitado pela contratante um novo serviço para a sala do gerador, que prevê a abertura de um vão na alvenaria e a instalação de uma esquadria veneziana fixa de alumínio cru. A intervenção complementará as adequações realizadas no espaço.

Um acervo de 500 mil títulos



Biblioteca Central passa por reformas de infraestrutura, segurança e digitalização de seu acervo

Com 162 anos de história, a Biblioteca Central do Museu Nacional abriga um acervo estimado em 500 mil títulos, entre os quais cerca de 1.500 obras raras, incluindo nove rolos de Pergaminho da Torá (tombado pelo Iphan), o texto sagrado do judaísmo, escritos em hebraico, no século XIII, que pertenceu a Pedro II, e o livro *Historia Naturale*, escrito por Plínio, o Velho, em 1491, de propriedade da Princesa Leopoldina. Em 2022, foi publicado o primeiro Catálogo de Obras Raras do Museu Nacional, disponível para download gratuito no [PANTHEON](#).

A biblioteca integra o Sistema de Bibliotecas e Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (SiBI/UFRJ). Com a aquisição, pelo SiBI, de um sistema de automação de bibliotecas no final da década de 1990, tornou-se possível integrar os acervos das diferentes unidades em uma única base de dados: a Base Minerva da UFRJ. A coleção de obras raras e in-fólios recebeu tratamento especializado na área de conservação de acervos por meio de um projeto de diagnóstico, higienização e acondicionamento.

Coordenada pela professora Ingrid Becker, a iniciativa contou com apoio financeiro da Fundação Vitae e foi realizada entre 2001 e 2002. Em 2008, em uma iniciativa pioneira do Museu Nacional, teve início o processo de digitalização e disponibilização de

parte do acervo raro e antigo. O projeto foi financiado pela Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) e ampliou as possibilidades de acesso a obras de relevante valor histórico e científico. A coleção digitalizada pode ser consultada na [Biblioteca Digital de Obras Raras do Museu Nacional](#). O público também pode consultar o [catálogo on-line do acervo](#).



A biblioteca tem a função de proteger a memória coletiva e o acesso ao conhecimento

Como ocorreu com outras bibliotecas de reconhecida importância histórica e científica, a formação dessa coleção está relacionada à incorporação de coleções especiais e às doações espontâneas de pessoas ligadas à pesquisa e à instituição. Entre as contribuições históricas estão livros e periódicos pertencentes à Comissão de Exploração e obras que integravam a biblioteca particular da Imperatriz Leopoldina. Em 2010, por exemplo, a UFRJ adquiriu a biblioteca particular do professor Castro Faria, que passou a ser incorporada ao acervo da Biblioteca Central. Esse conjunto de documentos e publicações revela a própria trajetória da produção científica brasileira e das expedições que contribuíram para o conhecimento sobre o território, a natureza e as populações do país.

Entre as obras de excepcional relevância estão *Viagem filosófica: expedição científica de Alexandre Rodrigues Ferreira nas capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá - 1783-1792*. Em 2011, a obra foi incluída no Registro da América Latina e Caribe do Programa Memória do Mundo da Unesco, reconhecimento que reafirma seu valor documental e histórico.

A conclusão das obras de adequação e acessibilidade da Biblioteca Central do Museu Nacional representa, assim, mais uma etapa na preservação de um espaço que reúne conhecimento, memória e patrimônio. Ao lado de suas coleções históricas e raras, a melhoria da infraestrutura contribui para que esse patrimônio científico e cultural permaneça acessível às atividades de pesquisa, ensino, extensão e à sociedade.

Modernização da sede do Museu Histórico Nacional está em fase de planejamento



Modernização abrange melhorias estruturais, prediais e do sistema elétrico

A modernização do prédio-sede do Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro, entrou em fase de planejamento com o início dos trabalhos da Construtora Biapó, em 1º de julho deste ano. A intervenção prevê a elaboração e implantação de projetos voltados à prevenção e ao combate a incêndios, à drenagem, à nova entrada de energia elétrica e ao Sistema de Proteção contra Descargas Atmosféricas.

Neste momento, os projetos de prevenção e combate a incêndio e de SPDA estão em processo de revisão, a pedido da contratante. As atividades da Biapó concentram-se, portanto, em serviços técnicos preparatórios, como elaboração do projeto de acompanhamento arqueológico, que será submetido ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, planejamento executivo das atividades, gestão contratual e seleção de fornecedores.

Também foram realizados levantamentos e análises necessários ao desenvolvimento do projeto de drenagem, entre eles o levantamento topográfico da edificação e a execução de furos de sondagem a percussão para a caracterização do solo. Vinculado ao Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), o Museu Histórico Nacional está instalado em um complexo arquitetônico formado por três edificações que integram a história colonial brasileira: o Forte de Santiago, a Casa do Trem e o Arsenal de Guerra.

Seu acervo reúne mais de 300 mil itens, entre pinturas, esculturas, peças de armaria, porcelanas e prataria, além de uma expressiva coleção numismática. O museu também abriga uma biblioteca especializada em história do Brasil, um arquivo histórico, com documentos manuscritos e iconográficos, e um arquivo institucional.

Concurso de redação reúne estudantes em homenagem à memória de Tia Tó



A iniciativa foi voltada a estudantes do Ensino Fundamental das escolas de Goiás

Em homenagem aos cinco anos de falecimento de sua fundadora e primeira presidente, Antolinda Baia Borges, a Tia Tó, o Instituto Biapó promoveu o *Concurso de Redação Antolinda Baia Borges*, iniciativa que aproximou estudantes da história, da cultura e do patrimônio da cidade de Goiás. As inscrições encerraram no dia 20 de agosto, com a participação de estudantes do Ensino Fundamental da rede pública da cidade.

O concurso propôs como tema *Antolinda, sua vida, acontecimentos e suas realizações à luz dos 300 anos da cidade de Goiás*, abrindo espaço para diferentes formas de expressão escrita: poesia, conto, crônica, reportagem, artigo, carta, diário e biografia. Os 56 trabalhos inscritos foram avaliados por um júri, formado por Marlene Vellasco, diretora do Museu Casa de Cora Coralina; Fátima Cançado, diretora da Fundação Frei Simão Dorvi; e Alex Pereira, jornalista e diretor da Rádio e Jornal Fogaréu.

A cerimônia de premiação aconteceu dia 26 de setembro, na sede do Instituto Biapó. A seleção levou em conta seis critérios: originalidade, clareza de expressão, impacto emocional, adequação ao tema, força da conexão com a cidade de Goiás e maturidade e coerência do texto — sem exigir linguagem adulta ou excessivamente sofisticada, considerando a faixa etária dos participantes.

Os quatro textos escolhidos foram os que melhor sintetizaram a homenagem à Tia Tó, reunindo qualidade literária, emoção genuína e um profundo vínculo com a memória, o patrimônio e a identidade de Goiás. Foram selecionados os trabalhos de Júlia Santana B., da 8ª A, autora de *Antolinda Borges, Tia Tó*; Maísa Fagundes, do 9º B, com o texto *Tia Tó, uma vida que se tornou patrimônio*; Manuella Gonçalves, da 8ª A, autora de *À Tó Linda!*; e Davi Lucas Franco, da 8ª B, com o texto *Mãe de Goiás*.

Redações ganham espaço em exposição

Enquanto aguardavam a avaliação, os trabalhos inscritos puderam ser conhecidos pelo público na exposição *Tia Tó em Prosas e Versos*, aberta no Instituto Biapó, em 28 de agosto. A mostra permanece em cartaz até o final de setembro e reúne as redações produzidas no concurso.

A exposição convida visitantes a ler, conhecer e interpretar os textos, ampliando o diálogo entre a produção dos jovens e a memória da cidade de Goiás. Um caderno também está disponível para o registro de comentários e impressões sobre as redações. A proposta incluiu ainda uma ação de incentivo à leitura compartilhada: os visitantes que leram em voz alta pelo menos uma das redações expostas receberam como brinde um exemplar do Calendário Cultural Biapó – Museu Casa de Cora Coralina.

Ao associar escrita, memória e patrimônio, o concurso buscou estimular o olhar das novas gerações sobre a cidade, seus personagens e sua trajetória, ao mesmo tempo em que prestava homenagem à atuação de Tia Tó na valorização da história e do patrimônio arquitetônico, artístico e cultural vilaboense.

Instituto Biapó participa do Colóquio Internacional Vozes do Rio Vermelho

O Instituto Biapó participou, em agosto, do *Colóquio Internacional Vozes do Rio Vermelho – Invisibilidades e Ressurgências Hídricas na cidade de Goiás*, apresentando o relato do Projeto Purifica Rio Vermelho, desenvolvido pelo geólogo Jamilo Thomé. A iniciativa propôs um olhar integrado para a recuperação ambiental e a valorização histórica de um dos principais cursos d'água da cidade de Goiás.

O Purifica Rio Vermelho reuniu ações de limpeza do leito, mobilização e conscientização da população e elaboração de diagnóstico geológico e ambiental, que subsidiou propostas de qualificação das margens. A iniciativa partiu da compreensão de que a recuperação do rio envolve não apenas intervenções físicas, mas também a preservação da memória, da paisagem e das relações da comunidade com o território.

A proteção do Rio Vermelho integra, há décadas, as preocupações relacionadas à preservação da cidade de Goiás, reconhecida como Patrimônio Mundial. Embora tenham ocorrido avanços na infraestrutura sanitária, como a implantação de estação de tratamento, a ampliação da rede de esgoto e a oferta de água tratada, a expansão urbana continua impondo desafios à conservação dos recursos hídricos, especialmente nos afluentes que ainda podem receber efluentes sem tratamento.



A atividade oportunizou um espaço de reflexão interdisciplinar sobre os processos de invisibilização dos cursos d'água urbanos

Nesse contexto, o Purifica apresentou uma abordagem abrangente, articulando limpeza do curso d'água, diagnóstico geológico e ambiental, proteção dos muros históricos, qualificação das margens e educação ambiental. O projeto reforça a necessidade de compreender o rio como elemento ambiental, histórico e cultural indissociável da paisagem.

A temática dialogou diretamente com a proposta do evento, que reuniu pesquisadores, universidade, comunidade, gestores públicos e movimentos sociais para refletir, de forma interdisciplinar, sobre os processos de invisibilização dos cursos d'água urbanos e suas possibilidades de ressurgência física, simbólica e política. Justiça hídrica, sustentabilidade, preservação ambiental e direito à cidade também estiveram entre os temas debatidos.

Imagens que revelam outras perspectivas

Como parte da programação, foi realizada a *Oficina de Câmera Participante*, metodologia colaborativa e dialógica voltada à produção audiovisual em pesquisas

etnográficas. A atividade aconteceu na Casa do Rio, sede do Instituto Biapó, e reuniu moradoras e moradores de municípios que integram a bacia do Rio Vermelho. Com momentos teóricos e práticos, a oficina estimulou a produção de imagens a partir de suas próprias experiências e percepções sobre o território. A programação incluiu edição compartilhada e apresentação de trabalhos realizados, ampliando possibilidades de registro e expressão de diferentes relações estabelecidas com o rio.

A participação do Instituto Biapó no evento reforça sua atuação na aproximação entre patrimônio, conhecimento, território e participação social, contribuindo para que questões relacionadas à preservação de Goiás sejam também discutidas a partir de perspectivas contemporâneas e interdisciplinares.

O Colóquio Internacional Vozes do Rio Vermelho foi realizado pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Fundação de Apoio à Pesquisa (Funape) e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (Fapeg), em parceria com o Instituto Biapó, o Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) e o Núcleo de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (NPGAU) da Universidade Estadual de Goiás (UEG).



Expediente

Coordenação editorial
Fabiana Lima

Textos
Cláudia Nunes

Edição e revisão
Julieta Garcia

Diagramação
Fabiana Lima

Jornalista responsável
Armando Araújo GO0554 JP

Fotos
Arquivo Biapó, Emilia Garcia, Fabiana Lima,
Gabriel Côrtes, Iara Pionelli, Wellington Silva.

Colaboração
Bruno Barreto, Isabella Rocha, Px Silveira, Sérgio Costa e Welington Silva.

Biapó Notícias é um órgão de informação da Construtora Biapó Ltda.